

CAMILO CASTELO BRANCO
O MORGADO DE FAFE
EM LISBOA



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

CAMILO CASTELO BRANCO
O MORGADO DE FAFE
EM LISBOA



Edição de Ângela Correia, Mafalda Pereira e Patrícia Franco

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

LISBOA - 2020

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

Edição digital gratuita, junho de 2020
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

O MORGADO DE FAFE EM LISBOA

COMÉDIA EM 2 ATOS

por

CAMILO CASTELO BRANCO

REPRESENTADA NO TEATRO DE D. MARIA II

Personagens:

O BARÃO DE CASSURRÃES

A BARONESA DO MESMO TÍTULO

D. LEOCÁDIA, filha do Barão

O MORGADO DE FAFE, ANTÓNIO DOS AMARAIS TINOCO

LUÍS PESSANHA

FRANCISCO DE PROENÇA

JOÃO LEITE

ANTÓNIO SOARES

UM JUIZ

UM ESCRIVÃO

DAMAS, denominadas 1.^a, 2.^a e 3.^a

ATO I

Sala ricamente guarnecida. Algumas mesas ocupadas por pessoas que jogam.

CENA I

**BARÃO E BARONESA DE CASSURRÃES, D. LEOCÁDIA, AS TRÊS DAMAS,
LUÍS PESSANHA, E FRANCISCO DE PROENÇA**

(Ao correr do pano ouvem-se as últimas notas do alegre de uma ária que D. Leocádia canta acompanhando-se ao piano.)

VOZES *(dos que jogam e dos que estão na frente da cena.)* — Muito bem! excelentemente! deliciosamente, minha senhora!

PESSANHA *(a D. Leocádia, que sai do piano.)* — Cantou angelicamente, prima Leocádia.

PROENÇA — É o anjo que cantava só podia ser dignamente acompanhado pelo anjo que tocava.

D. LEOCÁDIA — Já ouviram cantar os anjos?

PESSANHA — Em sonhos, já. Ouvem-se os anjos em sonhos, quando adormecemos com a alma cheia da voz melodiosa da mulher amada.

A BARONESA (*à parte.*) — Que palavreado!

PESSANHA — V. Ex.^{as}, se nunca ouviram em sonhos as harmonias dos anjos, é que ainda não amaram daquele amor que nos repassa a alma das músicas de Anfião e Orfeu.

D. LEOCÁDIA (*irónica.*) — Sublime, magnífico, primo!

1.^a DAMA — Os meus anjos cantam muito desafinados.

2.^a DAMA — Os meus constipam-se nos gelos da alma.

A BARONESA — Isso parece-me esquisito, menina... Torna a dizer, Cassilda.

PROENÇA — Foi uma bela ideia, a de sua sobrinha, Sr.^a Baronesa... (*À 3.^a dama.*) E os anjos de V. Ex.^a?

3.^a DAMA — Os meus foram todos escriturados para cantarem no coração da prima Leocádia.

D. LEOCÁDIA — Ai! Estás enganada, Carolina... Eu já não creio em anjos... Estou cética, estranhamente cética.

PESSANHA — Cética, prima!?! Que blasfémia! Isso é desagradecer o raio de graça com que a Providência lhe alumia o que para outras almas se esconde em trevas.

A BARONESA — Ó primo Pessanha, não esteja a fazer vaidosas estas meninas.

PESSANHA — A vaidade, prima Baronesa, é um adorno das almas distintas, quando se não vangloria em deslumbrar a vaidade alheia.

A BARONESA — Assim será; mas eu não gosto de ouvir expressões inconvenientes... Que é estar aí a falar em anjos que se constipam, em anjos escriturados?! Forte irreverência!

D. LEOCÁDIA — Não se fala dos anjos do céu, minha mãe, é dos anjos dos poetas que descem muitas vezes do céu para o inferno deste mundo.

AS TRÊS DAMAS (*rindo e falando simultaneamente:*)

1.^a — É verdade, prima Leocádia.

2.^a — Os anjos dos poetas são assim.

3.^a — Disseste divinamente, menina.

A BARONESA — Credo! que falarão as meninas fazem!

PESSANHA — É novidade, prima... Deixe-as deprimir os poetas, que o incenso não as enjoa.

A BARONESA — Olhe, primo, contra os poetas acho eu que tudo o que se diz é pouco, porque os poetas d'agora já nem sequer servem para entreter senhoras numa sala. No meu tempo, quando eu era muito menina, sim, aqui há quinze anos, pouco mais ou menos, os poetas eram uma gente divertida, que alegrava a boa sociedade, glosando motes em décimas e sonetos que todo o mundo entendia. No meu tempo havia em Braga quatro cónegos, poetas de mão-cheia. Que poetas aqueles!... Ai! que saudade!... Os d'agora são todos assim pelo gosto de António Soares, que diz uns versos que não fazem chorar nem rir. E o que mais me espanta e aborrece é estas meninas a dizerem: *muito bem! sublime! bravo!* Como se percebessem os versos melhor do que eu, e...

PESSANHA — E que o autor... talvez queira dizer, prima.

A BARONESA — E os que ele recita ao piano!? Que modas! acompanhar os versos com polcas!

D. LEOCÁDIA (*impaciente.*) — Oh mãe! Olhe que não vá ele entrar e ouvir! Eu acho os versos de António Soares lindíssimos, inspirados, ardentes de paixão...

PESSANHA (*a meia-voz.*) — Bravo! que entusiasmo!... (*Alto.*) Deve saber, prima Baronesa, que a linguagem do coração tem seu progresso, como a linguagem das ciências. Numa época sentimental como a nossa, o vocabulário do poeta deve ser deste mundo o menos possível.

A BARONESA — Olhe, primo Luís Pessanha, eu, como falo a linguagem deste mundo, não entendi bem o que me disse, sou franca.

PROENÇA — Modéstia, modéstia, Sr.^a Baronesa...

A BARONESA — O que eu quero é que a minha Leocádia seja mais temperada no falar, e que estas meninas se pareçam com sua mãe, que Deus haja, que era uma senhora acabada a todos os respeitos.

AS TRÊS DAMAS (*simultaneamente:*)

- 1.^a — Está cruel, a tia Baronesa!
- 2.^a — Não desculpa nada! A gente há de ser muda!
- 3.^a — Quer por força que sejamos velhas no alvorecer da vida.

A BARONESA — Vejam, vejam que mau costume as meninas têm de chilrearem todas ao mesmo tempo! Hei de ralhar, quando

o merecerem, porque as amo. Sua mãe, se fosse viva, havia de dizer-lhes o mesmo.

O BARÃO (*da mesa onde joga.*) — Ó Felizarda, o chá demora-se. São sete horas e meia.

A BARONESA — Esperávamos o João Leite e o amigo que ele quer apresentar; mas eu dou as ordens. (*Sai.*)

PESSANHA (*despeitado.*) — Estou maravilhado, prima Leocádia!

D. LEOCÁDIA — De quê, primo?

PESSANHA (*irónico.*) — Dos inspirados, lindíssimos e ardentes versos de António Soares.

D. LEOCÁDIA — Pois não são!? Triste coisa! Porque António Soares não é rico, até o talento lhe querem desdenhar!

CENA II

OS MESMOS, JOÃO LEITE, A BARONESA, E O MORGADO DE FAFE

A BARONESA (*sai dum porta lateral, quando os recém-vindos assomam à porta do fundo.*) — Aqui está o Sr. João Leite.

D. LEOCÁDIA — Que singularidade de homem é aquilo?

LEITE (*conduzindo o morgado ao barão, que se levanta.*) — Sr. Barão, eu tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a o meu particular amigo e um dos mais distintos e abastados cavalheiros da nossa província, o Sr. António dos Amarais Tinoco Albergaria e Valadares, morgado de Fafe.

O BARÃO — Muito folgo de receber nesta casa o Sr. Morgado, e estimarei que a frequente com a familiaridade que torna precisas e agradáveis as relações. Quando chegou da nossa bela província?

O MORGADO — Cheguei há três dias pela estrada a vapor, e acho que é bem engenhada aquela ideia. *(Os dois ficam gesticulando.)*

LEITE *(às damas, a meia-voz.)* — O meu amigo é um puro provinciano, minhas senhoras. V. Ex.^{as} terão de sufocar algumas vezes o riso, porque o morgado tem a rústica franqueza da ignorância, e entra pela primeira vez numa sala cerimoniosa. *(Recua.)*

O BARÃO — Sr. Morgado, aqui lhe apresento minha mulher.

O MORGADO — Passasse muito bem.

O BARÃO *(recuando.)* — Minha filha...

O MORGADO — Passasse muito bem. É galantinha, benza-a Deus.

O BARÃO — Estas três meninas, todas irmãs, minhas sobrinhas, filhas do meu primo o conselheiro Alberto de Meneses, que se acha naquela mesa. *(Cumprimentam-se; o morgado tem seguido acanhadamente o barão, de sorte que se acha fora do grupo das damas, quando entra António Soares.)*

O MORGADO — Passassem muito bem. São bonitas criaturas. *(Riem-se à socapa. D. Leocádia e a baronesa conversam. O grupo da direita avança o mais que pode.)*

O BARÃO — O Sr. Francisco de Proença. Meu primo Luís Pessanha. *(Entra António Soares.)* E o Sr. António Soares que vem entrando.

(*Movimento de Leocádia.*) Ao Sr. António Soares tenho a honra de apresentar o Sr. Morgado de Fafe.

CENA III

OS MESMOS E ANTÓNIO SOARES

(*António Soares com os bigodes aguçados pela cera, e a luneta pênsil, faz rir descompostamente o morgado.*)

O MORGADO (*a Soares que o fita carrancudo.*) — O senhor há de perdoar, mas não sei o que me parecia.

SOARES — O que pareço eu ao senhor?

O MORGADO (*rindo.*) — Que ratão!

SOARES (*aos circunstantes.*) — Este homem é parvo?

O BARÃO (*à parte.*) — Parece-o.

LEITE — Sr. Morgado!...

SOARES — De que ri o senhor?! Acabemos com isto!

O MORGADO — É desse arranjo em que o senhor traz a fisionomia da sua pessoa. V. S.^a, se fizer assim, (*sacode a cabeça*) Deus nos livre, ficava a gente com os bigodes. Santo nome! Isso parecia coisa d'aleijão. E as cangalhas aqui assim!... (*Mencionando o próprio nariz.*) Que ratão!

SOARES — Quem trouxe aqui este mentecapto?!

(*Os que jogam suspendem o jogo para observarem.*)

LEITE (*entre eles.*) — Fui eu, e pedirei ao Sr. António Soares que não se ofenda de um gracejo cuja intenção é inofensiva. (*Passa ao barão.*)

O MORGADO (*com seriedade.*) — V. S.^a chamou-me mentecapto. Mentecapto, pelos modos, quer dizer tolo. Eu não vou à parede, esteja descansado. É ditado velho — aonde se dão, aí se apanham. — Mas o senhor há de acreditar uma coisa que eu vou dizer: pareço tolo, mas não sou, não sou, acredite.

SOARES — Nesse caso é grosseiro, (*movimento geral*) e deveria ter pedido, a quem o apresentou, que o civilizasse primeiro. (*Às damas.*) Peço perdão, minhas senhoras. (*Agitado.*)

A BARONESA (*mostrando-se aflita.*) — Eu estou banzada e perplexa!

O MORGADO (*gravemente.*) — A minha mania é dizer o que sinto, e rir do que me alegra cá no interior. Palavra d'honra que me regalei de o ver assim ao senhor, e ri-me pensando que o senhor gostava de que se risse a gente. Não cuidei que o senhor vinha assim amanhã de cara para a gente estar sério. Mas à vista disso, perdoará.

(*Entram os criados com bandejas de chá e doce. A. Soares vai a uma bandeja tomar uma chávena e dá-a a D. Leocádia. Proença e Pessanha fazem o mesmo às outras senhoras. O morgado vai tirar uma chávena da bandeja ao criado da direita.*)

O BARÃO (*no meio deles.*) — Está dada a satisfação; vamos ao chá. (*Sobe.*)

LEITE (*à baronesa.*) — Eu sinto amargamente este desgosto, Sr.^a Baronesa.

A BARONESA — Foi bem feito. Não gosto deste peralvilho. Não se aflija por isso.

D. LEOCÁDIA (*a Soares, que lhe oferece a chávena.*) — Incomodam-te as chocarrices de um idiota?!... Vamos fazê-lo nosso bobo... Hás de rir muito à custa dele.

SOARES — Escreveste o requerimento?

D. LEOCÁDIA — Já está na mão do escudeiro para ser-te entregue. (*Sentam-se as damas.*)

O BARÃO — Sr. Morgado, sirva-se de doce.

O MORGADO (*servindo-se.*) — Venha de lá isso. (*Tira uma mão-cheia de biscoitos que vai sopeteando na chávena, posta comodamente sobre os joelhos.*) V. M.^{ce} que quer? (*Ao criado que está junto dele com a bandeja do açucareiro.*)

CRIADO — Se precisa açúcar...

O MORGADO — Bote mais uma colher dele. (*Gargalhada de A. Soares, e riso mal reprimido das damas.*) Olá! o senhor já se ri! Ainda bem! Estava daí a inguiçar-me com os lúzios por detrás das vidraças, que nem me prestava o chá... Olhe lá se eu me zango porque o senhor se ri de mim! Venha de lá outra, se me faz favor. (*Toma segunda chávena de chá.*)

LEITE (*à parte.*) — Estou vexadíssimo! (*Sobe e desce.*)

O BARÃO (*galhofeiro.*) — Nada de cerimónia, Sr. Morgado.

O MORGADO — Cerimónia! Ora essa! Então o Sr. Barão ainda não sabe com quem está falando! (*O criado vem oferecer-lhe doce*)

à direita.) Eu lhe vou contar uma passagem da minha vida. *(Ao criado que serve o doce.)* Chegue cá o sólido. O melhor é pôr o tabuleiro em cima desta tripeça. *(O barão sobe para conter o riso. O morgado puxa para junto de si o banquinho do piano.)*

A BARONESA *(às damas que retêm dificilmente o riso.)* — Chiu! Chiu!

O MORGADO — Deixe rir as moças. Eu quando vou a alguma casa não é para fazer chorar ninguém.

PESSANHA — Vamos à passagem da sua vida, Sr. Morgado.

O MORGADO *(com a boca cheia.)* — Lá vou já. Este doce não está mal-amanhado. A como se vende o arrátel disto cá em Lisboa, ó Sr. Leite?

LEITE *(com enfado.)* — Não sei, nem a ocasião é agora oportuna para semelhantes averiguações. Trataremos depois disso.

O MORGADO — Quando o caminho de ferro chegar a Fafe, hei de mandar ir destas cavacas enquanto estão frescas. Ó Sr. João Leite, o senhor, que eu fiz deputado, e mais os meus caseiros e foreiros, porque não arranja um caminho de ferro para Fafe?! V. Ex.^{as} *(às damas)* podiam aqui comer em Lisboa batatas muito boas, e baratíssimas. A como pagam os senhores cá na capital o milho e os feijões?

(Leocádia ergue-se.)

1.^a DAMA — Conte-nos a passagem, Sr. Morgado... estamos ansiosas.

O MORGADO — Estão? *(Erguendo-se.)* Ora eu vou contar. Há de haver dez anos que eu fui ao Porto para contratar o meu

casamento com o pai de uma menina, que, não desfazendo em ninguém que me ouve, tinha um palmo de cara que se podia ver; tocava realejo, e dançava o *sólio inglês* e a *gaivota*, que eram poucos os olhos da cara pra verem. Deu-me no goto a moça, e resolvi casar-me. É verdade que lá no Porto diziam que o pai fazia em casa o dinheiro que lhe era preciso para os seus gastos; mas isso que tinha?! Fazer dinheiro é um modo de vida que não me consta que desfizesse casamento em parte nenhuma... Pelo contrário, meu mano frade diz que tem feito muito.

AS TRÊS DAMAS (*ao mesmo tempo:*)

1.^a — Pois casou?

2.^a — Ah! casou?!

3.^a — Ditosa esposa! Oh! quanto a invejo!

O MORGADO — Falam todas à pancada! Ora, diga lá cada uma por sua vez o que tem na ideia.

3.^a DAMA — Eu disse que invejava a sorte da sua esposa.

A BARONESA (*descendo.*) — Menina! (*Com severidade.*) Seja comedida no seu entusiasmo, e não interrompa.

O MORGADO — Liberdade de imprensa, minha rica senhora. Deixe-a falar. Eu não casei com a tal menina, minha senhora.

AS TRÊS DAMAS (*falando simultaneamente:*)

2.^a — Ah! não!

3.^a — Traiu-o, talvez; que injustiça!

1.^a — E que mau gosto!

O MORGADO — Não há que ver; são como as rãs; em falando uma falam todas.

SOARES (*à parte, a D. Leocádia.*) — É muito grosseiro!

O BARÃO — Deixem falar o Sr. Morgado, meninas.

O MORGADO — Chamava-se Maria, a menina; mas ela gostava que lhe chamassem Márcia, porque Márcia é poético; e lá a casa do pai dela ia um poeta jantar que lhe chamava Márcia. Estava marcado o dia do casamento, quando fui jantar a casa de meu sogro. A noiva ficou à minha esquerda, e estava vermelha como uma ginja. Era a inocência, pelos modos; mas eu cuidei que seria indisposição de dentro, e perguntei-lhe se estava intoirida com o jantar. Disse-me que não tinha provado nada; e eu, cuidando que era fraqueza o seu mal, botei-lhe ao prato uma perna de peru. E que há de ela fazer? Ergue-se assarapantada, e foge. O que é, o que não é, que será, erguem-se todos; uns vão, outros vêm, tudo se mexe menos eu, que fiquei comendo o peito do peru, bocado por que sou doido. Tratei de saber o que tivera a moça. Vi o poeta e perguntei-lhe: «O senhor sabe dizer-me o que teve a Sr.^a D. Márcia?» Que há de dizer-me o homem? «A menina retirou-se porque V. S.^a a envergonhou com a perna do peru.» — «Homem, essa!» — disse-lhe eu. — «Aposto que o Sr. poeta, lá nos seus versos, lhe disse que uma menina inocente devia envergonhar-se da perna dum peru?!» No dia seguinte, meus caros senhores, escrevi uma carta ao pai de Márcia, dizendo-lhe que em minha casa se comia muita soma de peru, e que eu não estava para ir atrás de minha mulher todas as vezes que viesse à mesa um peru com pernas. — Em quanto a mim, a moça fugiu envergonhada de ver que eu comia à portuguesa, ao passo que o poeta e outros que lá estavam, com os guardanapos postos à laia de babeiros, diziam uma coisa, que eles chamavam espichos, do tamanho da légua da

Póvoa, e lavavam os dedos numa tigela d'água, que eu ia bebendo, por não saber que é moda agora fazer da mesa lavatório. Isto veio ao caso de dizer que não sou homem de cerimónias. Como em casa dos amigos enquanto tenho vontade, e quem vai à minha casa há de comer até lhe tocar com o dedo. As meninas querem disto? (*Puxa de um cartucho de rebuçados que quer repartir aos punhados.*) São d'avença legítimos; trouxe-os do Porto. Sirvam-se. (*As damas, sufocando o riso, saem de corrida da sala.*)

A BARONESA — São crianças, Sr. Morgado, não faça caso.

O MORGADO — Ágora faço! Não faço, não senhora. Coma V. Ex.^a, se quiser.

A BARONESA (*tomando um rebuçado.*) — Agradecida. Eu vou repreendê-las.

O MORGADO — Deixe-se disso que perde o tempo. Isto de senhoras só se castigam bem com as disciplinas do deus Cupido. (*A baronesa sai rindo.*) Até a sua velha se ri, Sr. Barão. É uma santa mulher, acho eu.

SOARES — É um tipo!

PESSANHA (*irónico.*) — É um homem único, Sr. Morgado! Inveje-lhe o espírito e a felicidade!

O MORGADO — Quer rebuçados?

O BARÃO — Joga, Sr. Morgado?

O MORGADO — A bisca de nove e o trinta e um.

O BARÃO — *Voltarete* ou *Boston*, não quer?

O MORGADO — Hei de aprender isso, amanhã falaremos.

O BARÃO — Pois conversem, que as meninas vêm já. (*Sobe à mesa do fundo com A. Soares e vão sentar-se ao jogo, Proença retira para o interior.*)

CENA IV

O MORGADO, JOÃO LEITE, E OS QUE ESTÃO JOGANDO

LEITE — Sr. Morgado, tem dito coisas que não parecem suas.

O MORGADO — Pois aí tem! O senhor cuidava naturalmente que eu vinha à capital aprender a falar às senhoras!... Nós, lá em Fafe, estamos civilizados.

LEITE — Pois em nome da civilização de Fafe, é que eu peço a V. S.^a que modere a sua língua.

O MORGADO — Pelo que vejo, quem vem a Lisboa há de moderar a língua! Acho que o diz bem, e que o faz melhor, Sr. Leite. É por isso que o senhor, desde que entrou nas cortes, não disse palavra. Há de ser por isso. O meu amigo Sr. Leite, quando falava aos *convícios* populares, lá na nossa terra, falava pelos cotovelos. Mas isto cá, pelos modos, muda muito de figura. Pois dou-lhe a minha palavra de honra, que, se eu fosse deputado, havia de falar quando fosse preciso, e mais não estudei gramática nem matemática. Um bom deputado tem sempre que dizer. Eu tanto pedi ao senhor que arranjasse cá com o governo a passar-me a estrada à porta, mas o senhor não fez caso, nem respondeu à carta do boticário que lhe pedia um hábito de Cristo... Palpita-me que V. S.^a não torna cá...

LEITE — Falaremos a esse respeito oportunamente: o que eu agora encarecidamente lhe peço é que não fale tanto, nem dê

azo a que se riam de V. S.^a — as suas excelentes qualidades, regidas pela prudência e comedimento, habilitam-no a dar-se na sociedade uma posição digna do seu nascimento e riqueza. Em Lisboa pesam-se as palavras, e o provinciano, que se não coíbe, é sempre alvo do escárnio.

O MORGADO — Com que então em Lisboa pesam-se palavras! É por isso que o senhor ainda não deu meia oitava delas nas câmaras... (*Rindo e abraçando-o.*) Isto é chalaça, meu janota... Não se assuste. Enquanto eu for vivo, há de o senhor ser sempre deputado; mas não se esqueça daqueles termómetros d'estrada em que lhe falei... O senhor o que tem?! Está a cismar, com um semblante tão assombrado! Isso, enquanto a mim, é paixão d'alma por alguma das feiticeiras cá da casa... Diga a verdade...

CENA V

OS MESMOS E FRANCISCO DE PROENÇA

PROENÇA (*a Soares, que está junto dele.*) — Aceita estas cartas, Soares; eu volto já. (*Ergue-se e vem para junto de Leite. O morgado vai folhear um livro que está sobre a jardineira.*) Ainda não tive ocasião de perguntar-te o que passaste ontem com Leocádia.

LEITE — Nada.

PROENÇA — Não lhe falaste?

LEITE — Não pude. Sou um idiota ao pé desta mulher. Não me atrevo a dizer-lhe palavra que não seja uma puerilidade ou uma inconveniência.

PROENÇA — A coisa mais parecida com um tolo é um homem de talento apaixonado.

LEITE — É uma paixão de criança esta minha... Leocádia compreendeu-me, e aumenta caprichosamente o meu embaraço com o olhar interrogador que me lança...

O MORGADO — Ó Sr. Leite. (*Levanta-se.*) Este autor chamado *Rousseau* de que trata? É da moléstia do gado vacum?

LEITE (*abstraido.*) — Não, não é.

O MORGADO — É porque está aqui *episode*, e pensei que isto queria dizer *epizootia*.

PROENÇA (*rindo.*) — É impagável este homem! Cuido que o mandaste buscar à província para te distrair.

LEITE — Refinou na sandice, desde que chegou a Lisboa. Tem-me vexado aqui hoje, e o ridículo dele pode refletir em mim aos olhos de Leocádia.

PROENÇA — Não é isso natural; pode ser até que Leocádia te agradeça este debique... Vamos, ânimo! Sai desta posição equívoca; declara-te.

O MORGADO — É segredo?

LEITE — Não senhor.

PROENÇA — Se não queres dizer-lho, escreve-lhe. Posso asseverar-te que tens a estima da baronesa, e a do barão hás de conquistá-la por intermédio da filha.

LEITE — E poderei disputá-la ao primo e ao Soares?

PROENÇA — Não há rival invencível. A mulher que tem mais de um adorador mostra que não lhe agrada nenhum. Se

se deixa incensar por dois, é porque espera o incenso de um terceiro.

LEITE — Leocádia é uma mulher excêntrica.

PROENÇA — Por isso mesmo.

LEITE — Todas as vezes que eu encaminho a conversação de modo que a declaração ocorra naturalmente, ela adivinha-me, e interrompe com alguma frase desdenhosa, que me deixa... que me deixa...

O MORGADO — Atrapalhado?... Eu logo vi que o senhor estava namorado da filha do dono da casa. Já vê que não sou tolo...

PROENÇA (*risonho.*) — É verdade, Sr. Morgado. O nosso amigo está apaixonado pela Sr.^a D. Leocádia, mas não lho diz. Que remédio daria V. S.^a a isto?

O MORGADO — O remédio é dizer-lho; pois então?

PROENÇA — Vês, Leite. Aqui tens uma opinião ilustrada que corrobora a minha.

O MORGADO — Pois cá em Lisboa é moda a gente não dizer a uma moça que a ama, quando sente no interior o fogo da simpatia?

PROENÇA — O amor sublime tem estas esquisitices, meu caro senhor. E V. S.^a nunca se sentiu acanhado ao pé da mulher querida?

O MORGADO — Eu não, senhor. Digo-lhe tudo o que me vem à ideia, e, se me ficam a talho de fouce, beijo-lhe a mão, e caio de joelhos, como se faz na comédia; é o meu sistema. O Sr. Leite sabe o que eu tenho feito lá por Fafe; ele aí está que o diga... O senhor conhece a Teresinha do Aidro, e a Joana do Reguengo de Baixo...

LEITE (*sorrindo.*) — Muito agradecido à sua bondade...

O MORGADO — O ratão já se ri. Já está com melhor ar... Pois diga à menina que lhe quer bem, e o mais deixe-o por minha conta... Quer o senhor uma coisa? Digo-lho eu.

LEITE (*rindo.*) — Muito agradecido à sua bondade...

O MORGADO — Isto é sério... os amigos conhecem-se nas ocasiões.

CENA VI

OS MESMOS, A BARONESA, D. LEOCÁDIA, AS TRÊS DAMAS E PESSANHA

A BARONESA — Desculpe-nos a demora, Sr. Morgado. A estes cavalheiros não farei igual pedido, porque são amigos íntimos e tolerantes.

O MORGADO — Estiveram a ceiar, naturalmente... Eu vou logo fazer o mesmo.

A BARONESA — Não senhor, é porque uma das meninas teve um ligeiro insulto nervoso.

O MORGADO — Insulto nervoso acho que é o mesmo que *faniquito*... Ela tem razão... Aposto que foi esta! (*Indica Leocádia.*) Eu bem sei que ela há de viver amofinada...

D. LEOCÁDIA — Eu?! Porquê?

O MORGADO — Eu bem sei, magana... Nós falaremos. O amor é como as toupeiras, que se não dão bem com a luz do dia... Veja se me entende...

D. LEOCÁDIA — Eu? Não! Que sabe? Diga...

O MORGADO — Sei o que a menina sabe, mas finge que não sabe, porque sabe que... sim a menina bem sabe que... (*Leite puxa-lhe pela aba da casaca.*) O senhor rompe-me!

AS TRÊS DAMAS (*ao mesmo tempo:*)

1.^a — Diga, diga o que é.

2.^a — A Leocadiazinha não sabe nada.

3.^a — Diga, diga, Sr. Morgado!

O MORGADO — Isso há de ser só a ela...

D. LEOCÁDIA — A mim só! Ai que graça! quer propor-me casamento...

A BARONESA (*severa.*) — Menina! que palavra é essa! Nem por graça consinto que uma menina profira semelhante expressão! Estão estragados os costumes antigos.

O MORGADO — Agora estão! faz ela muito bem em querer casar, e o noivo é como se quer... (*Leite não cessa de puxar-lhe as abas da casaca.*) O senhor quer que eu fique de jaqueta, pelo que vejo... Que graça tem isso de me estar a romper!?

LEITE (*baixo.*) — Cale-se.

O MORGADO — E está morto que eu fale...

D. LEOCÁDIA — Então que quer dizer-me, Sr. Morgado? Sou toda ouvidos.

O MORGADO — Com licença destes senhores, faz favor de chegar aqui... (*Querendo afastar-se do grupo.*)

A BARONESA — Perdoe V. S.^a, mas eu não consinto que minha filha oiça segredos que sua mãe não possa ouvir.

O MORGADO — O casamento é com ela, não é com a senhora.

(*Soares tem-se, desde o princípio da cena, aproximado do grupo.*)

AS DUAS DAMAS:

1.^a — Parabéns, Leocádia!

2.^a — Viva o Sr. Morgado de Fafe!

SOARES (*à parte.*) — Que torpe farsa é esta!

O MORGADO — Alto lá! não é comigo o arranjo.

D. LEOCÁDIA — Ai! não? Que pena!

A BARONESA — Ó menina, tu estás desvolta! Olha que eu imponho-te o silêncio das indiscretas!

D. LEOCÁDIA — Ora deixe-me rir, mamã! Que tem que eu chore a perda de uma ilusão?! Hei de assistir calada, sem soltar um gemido, ao funeral da minha mais cara ambição? (*A baronesa, com arremesso, passa ao grupo das três damas, que sobem.*)

O MORGADO — Fale, fale, menina, que eu também já lhe disse a ele que falasse.

D. LEOCÁDIA — A ele?! quem?

LEITE (*enxugando o suor.*) — Que vexame!

O MORGADO — Olha a fazer-se tolinha! Ora vamos... Não seja ingrata a quem tanto lhe quer... (*Tomando-lhe a mão.*) Tenha-lhe amor, qual outra Inês de Castro.

D. LEOCÁDIA — Amor! A quem?

O MORGADO (*levando-a ao pé de Leite.*) — Venha cá... dê-lhe a mão, que ele é bom moço, e tem uma boa casa... seus pais hão de dar o seu consentimento...

LEITE (*atribulado.*) — Este homem enlouqueceu... Minha senhora, peço-lhe acredite... que eu... de modo nenhum...

O MORGADO — Deixe-o falar, que ele está cego de paixão pela menina... Aquilo é vergonha... Ali está aquele (*indicando Proença*) que sabe tudo.

SOARES (*com veemência trágica.*) — A farsa acaba aqui, senhores! Eu aceito o encargo honroso de desforçar uma senhora e uma família de bem, ridicularizada por um truão. Quero que se me diga se este homem é um doido, para ser entregue aos cuidados da polícia, ou se tem bastante senso comum para aceitar a responsabilidade da zombaria com que enxovalha uma família respeitável.

O MORGADO (*serenamente.*) — Este homem é comediante?

SOARES (*ao morgado.*) — Responda-me: encarregaram-no deste papel, ou o senhor é um mentecapto sem imputação?

O MORGADO — Você parece-me tolo, homem! A perguntar-me se eu sou doido! Aposto que se lhe perguntarem a ele se é doido, diz que não!...

O BARÃO — O Sr. Soares não tome tanto a sério o que não passa de brincadeira de uma noite. Este senhor tem um génio folgazão, e desconhece um pouco as conveniências; mas nenhuma pessoa desta família se dá por ultrajada, e o zelo do Sr. Soares é exagerado, conquanto digno do nosso reconhecimento.

SOARES — Aceito a correção; mas consintam V. Ex.^{as} que eu me desafronte do insulto que me diz respeito. Eu sou ofendido na parte mais nobre da minha alma. Este homem é um inepto que serve apenas de instrumento; a mão, porém, que o impele, há de erguer uma luva.

O MORGADO — O homem é um trapalhão... mistura luvas com instrumentos... Que diabo quer ele?

A BARONESA — Meninas, saiam da sala. Isto vai-se tornando bastante imoral. Retirem-se. (*Saem.*) Eu também me retiro consternada, estimando que este desagradável incidente termine de modo que a candura de minha filha não fique poluída. Sr. Leite, com minha filha não se brinca, veja se me entende... Boas noites. (*Sai.*)

CENA VII

O MORGADO, O BARÃO, SOARES, LEITE, PROENÇA E PESSANHA

O MORGADO — Boas noites; até amanhã se Deus quiser.

SOARES — O Sr. Barão sabe que eu amo sua filha.

O BARÃO — Sei que ma pediu para sua mulher. Respondi que não; é o que sei, e não sei mais nada.

SOARES — Pois bem; a Sr.^a D. Leocádia sabe o resto.

PESSANHA — O resto!

O MORGADO — É verdade... o resto! Isso tem que se lhe diga, acho eu.

SOARES — E o Sr. Leite não é estranho às minhas intenções a respeito da Sr.^a D. Leocádia, porque eu lhas comuniquei para o poupar à triste figura que tem feito.

O BARÃO — E o Sr. Soares não é estranho às intenções de meu primo Luís Pessanha a respeito de minha filha; e a favor dele é que a minha vontade está decidida.

SOARES — Mas a vontade de V. Ex.^a pode ser uma violência, e eu hei de defender a oprimida, enquanto puder, contra a tirania de quem quer que seja.

O BARÃO — O Sr. Soares enlouqueceu. As suas iras estão a provocar o riso... Modere-se, e não me obrigue a lembrar-lhe que estou em minha casa.

SOARES — Eu vou sair, mas é preciso que nos intendamos. Fui aqui ultrajado nesta sala, e não sairei daqui sem saber a quem hei de pedir amanhã uma satisfação. (*O barão encolhe os ombros e desce, para subir o morgado.*)

PESSANHA (*galhofeiro.*) — Quererá o Sr. Soares bater-se comigo?

SOARES — Com o senhor e com quantos forem.

O MORGADO (*dando um passo para Soares.*) — O senhor é um bazófio! Cá por mim não imbarra, porque... cuidadinho...

O BARÃO (*entre os dois.*) — Tenha a bondade de acomodar-se, Sr. Morgado...

O MORGADO (*rindo.*) — Eu estou acomodado, Sr. Barão... Não se assuste... (*A Soares.*) Pegue lá um rebuçado, e cale-se.

(*O barão sobe para falar a Luís Pessanha.*)

SOARES — O senhor é um parvo!

O MORGADO — Este menino precisa de criação, por mais que me digam. E eu não se me dava... sim... eu não se me dava de... à falta d'homens... (*Faz em si o trejeito de puxar-lhe uma orelha.*)

SOARES — Sr. Leite, amanhã ouvirá de dois amigos meus o que é intempestivo dizer-lhe aqui.

LEITE — Conquanto eu rejeite a responsabilidade das inconveniências proferidas pelo Sr. morgado, com grave desgosto meu, não poderei receber senão agradavelmente os amigos do Sr. António Soares. Querendo eu, porém, que S. S.^a tenha causa justa para desafiar-me, dir-lhe-ei na presença destes cavalheiros, que, aspirando eu ao coração de uma senhora, cujo nome respeito muito para proferi-lo, e sabendo que V. S.^a concorria comigo nas mesmas aspirações, nunca lhe daria a consideração de julgá-lo meu rival.

O MORGADO — Falou bem.

SOARES — Esse novo insulto...

O BARÃO — Acabem com isto, senhores; vão discutir na rua a gravidade dos insultos. Não consinto que o nome de minha filha esteja aqui servindo de mote para altercações. (*Sobe.*)

O MORGADO — Apoiado! apoiado! Também sabe o que diz.

SOARES — Eu queria dizer ao Sr. Leite que, em resposta ao seu novo insulto, fora desta casa assentar-lhe-ia na cara a mão sem luva.

LEITE (*saindo.*) — Sr. Barão, meus senhores, boa noite.

(*Soares faz menção de sair.*)

O BARÃO — Os senhores não sairão juntos.

SOARES — Estou que o Sr. Leite aceitará a proposta, que é de suma prudência.

LEITE (*risonho.*) — Far-lhe-ei eu medo, Sr. Soares?

O MORGADO — Medo! A quem? a isto! (*Chega ao pé de Soares.*) O senhor vá-se embora; vá com Deus... Mude-se quanto antes, que eu já não o inxergo bem...

SOARES — Não me toque, miserável lorpa, que me suja.

O MORGADO (*esfregando as mãos.*) — Está-lhe o corpo a pedir folia... Não há remédio...

SOARES — Hei de sová-lo na rua; se não encontrar adversário mais digno...

O MORGADO — Na rua?... Vamos lá... (*Toma-o debaixo do braço.*) Vá quieto, menino, olhe que me pica com os bigodes...

(*Rodeiam-no todos; cai o pano.*)

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO II

Outra sala em casa do barão de Cassurrães.

CENA I

D. LEOCÁDIA FAZENDO MENÇÃO DE LER, E AS TRÊS DAMAS

1.^A DAMA — É muito linda poesia!

2.^A DAMA — Que frescura de frase!

3.^A DAMA — Que sabor tão oriental!

D. LEOCÁDIA — E que paixão, não é assim?

AS TRÊS DAMAS — Decerto! Apaixonadíssima! Inspirada!

D. LEOCÁDIA — Soares é um génio. É um milagre do espírito! A alma, bafejada pelo hálito vulcânico daquele seio, sente-se grande e atrevida, não acham?

AS TRÊS DAMAS (*acotovelando-se.*) — Decerto.

3.^A DAMA — Ó menina, lê-nos as duas coplas últimas, que são tão harmoniosas e sentimentais?

D. LEOCÁDIA — Pois sim, leio. (*Lê.*)

Quando entre nuvens cintila
Como em olho de sibila...

2.^a DAMA — *Como em olho de sibila... é lindo!*

3.^a DAMA — Arrebata!

1.^a DAMA — *Como em olho... que vaporoso de frase!... Continua, menina.*

D. LEOCÁDIA (*lendo:*)

Quando entre nuvens cintila,
Como em olho de sibila,
A fulminante pupila
Do meu casto serafim,
Mago eflúvio, odor celeste,
De minh'alma onde desceste,
Vai ao céu donde vieste
Entre nuvens de cetim.

(*Declama.*) Tão lindo! não é?

1.^a DAMA — Se é!

2.^a DAMA — Endoidece-se de admiração!

3.^a DAMA — Eu morria de amores por um homem que me escrevesse isso.

D. LEOCÁDIA — Esta não lhe é inferior. (Lê:)

Eletrizam-se-me os seios,
Seios d'alma, em devaneios,
Respondendo aos teus anseios,
Flor, inveja dos jardins!
No teu lábio o coral ri-se,
Todo amor, todo meiguice,
Todo céu, todo denguice,
Todo rir de querubins.

1.^a DAMA — Tenho-te inveja, priminha! Assim, compreende-se que uma mulher sacrifique ao talento riquezas, glórias vãs da terra, a vontade dos pais, o futuro, tudo!

D. LEOCÁDIA — E sacrificio, eu, mulher para quem as outras olham com o desdém da estupidez, devoradas de invejas. Hei de desmentir, com a minha abnegação, os que dizem que a mulher do século troca a liberdade de sua alma pelas carruagens, *toilettes* deslumbrantes, pelo orgulho efêmero dos salões, por uma noite de sair rainha de casa da modista para as magnificências de um baile. As primas sabem que diante de mim se correm as cortinas de três futuros. O primo Luís Pessanha é um rapaz rico. Invejam-mo na melhor sociedade rivais de primeira ordem. Todos os regalos da opulência me esperam neste casamento. Sei que sou amada por ele até ao delírio. O meu casamento seria uma fortuna para duas famílias, e a desesperação das minhas rivais. Não importa. Rejeito o primo Pessanha, porque não há naquela alma o fogo, o *extasis*, o amor doido e vertiginoso de António Soares. Aparece-me João Leite, que não ousa na minha presença balbuciar a declaração do seu amor; mas eu tenho a profunda convicção de que ele, no momento em que um meu sorriso complacente o anime, irá pedir-me a meu pai. João Leite, além de rico, é deputado, e será brevemente ministro. Não importa. Entre mim e João Leite está

uma imagem poética, ideal, e desprendida das mesquinhas glórias da terra. Vejo Soares, amante como o Tasso, e arrobado como Camões, apontando-me para o céu da poesia em que as nossas almas se devem ver à luz da bem-aventurança do amor.

1.^a DAMA — Estás arrebatada, menina!

2.^a DAMA — Perdida!

3.^a DAMA — Para que a interrompem! Era um gosto ouvi-la!

D. LEOCÁDIA — Expandi-me! Sinto-me melhor! Precisava que me ouvissem este protesto contra o materialismo do século. Queria que me escutassem muita gente, e que o rubor do pejo subisse às faces das mulheres para quem o talento, o estro e o poeta não passa de um adorno do *Jardim das Damas*, ou do *Almanaque de Lembranças*, queria que...

CENA II

AS MESMAS E A BARONESA

A BARONESA — Menina, teu pai vem aqui falar-te sobre negócios de grande peso. Vê como te portas.

D. LEOCÁDIA — A mamã poderá dizer-me o que são negócios de peso?

A BARONESA — É um negócio sério; está dito tudo.

D. LEOCÁDIA — Negócios comigo, não sei quais sejam; salvo se querem outra vez afligir-me com casamentos impossíveis. Se é para isso...

A BARONESA — E se for para isso, indiscreta?

D. LEOCÁDIA — Sustentarei a dignidade de mulher e a liberdade do coração.

A BARONESA — Esqueces que falas com tua mãe, Leocádia?

D. LEOCÁDIA — Não, minha senhora, não esqueço que falo a minha mãe; lembro-lhe apenas que posso aceitar o seu desprezo e a morte, mas não o suicídio lento. Mulheres como eu morrem e vingam-se.

A BARONESA — Esse palavreado não é teu, Leocádia. Tens a cabeça cheia de versos; mas aí vem teu pai responder à tua bacharelise. Se te não mandassem ensinar gramática francesa e geografia, havias de ter outras ideias a respeito do mundo. A culpa teve-a teu pai... Eu bem lhe disse que te mandasse aprender a ler somente o necessário para te encomendares a Deus. Ele quis por força fazer de ti literata, e o resultado é isto que se vê... Agora ele que responda aos teus discursos... Ele aí vem.

CENA III

OS MESMOS, O BARÃO E O MORGADO

O BARÃO (*fora.*) — Faz favor de entrar, Morgado. A toda a hora é bem-vindo. (*Na cena.*) Aqui está o nosso bravo, que sabe ensinar crianças, e dar o seu a seu dono.

O MORGADO — Isso são favores, Sr. Barão. Ora viva a Sr.^a Baronesa e mais a bela sociedade. Está melhorzinha do seu flato, a menina?

D. LEOCÁDIA — Agradecida, estou melhor, e V. S.^a como está?

O MORGADO — Assim, assim. Não me dou bem com as comidas de Lisboa. Lá na minha hospedaria põem-me na mesa umas

iguarias à francesa, que não têm senão casca e molho. A gente come daquelas fritangadas, e fica com vontade de comer e o estômago derrancado. Nós cá, os portugueses, sabemos comer muito melhor que os estrangeiros. Os franceses, por exemplo, não sabem o que é arroz de pato. As senhoras já comeram arroz de pato?

O BARÃO — Pois não! Em minha casa usa-se muito. Está V. S.^a convidado para jantar hoje connosco. Há de ter o seu manjar favorito.

O MORGADO — A que horas se janta cá em casa?

O BARÃO — À hora regular.

O MORGADO — À uma hora? É do que eu gosto. Cá em Lisboa é costume jantar-se à hora em que eu ceio na minha terra, das cinco prás seis.

O BARÃO — Pois essa é justamente a nossa hora; mas em atenção ao Sr. Morgado jantar-se-á mais cedo.

O MORGADO — Não senhor, tudo se arranja; eu vou jantar à minha hora, e venho ceiar às seis com o senhor.

O BARÃO — Que tem feito nestes três dias, que não apareceu?

O MORGADO — Ora, que hei de eu ter feito? Vamos a descansar o corpo. (*Senta-se.*) Sente-se, Sr. Barão. Isto quem andou não tem para andar. Já cá estão os meus quarenta e três feitos.

A BARONESA — Ninguém o há de dizer! Está muito bem conservado; parece um rapaz!

O MORGADO — Eu sei-me tratar, Sr.^a Baronesa. Nunca tive senão duas doenças graves: dores reumáticas nas canelas, e a espinhela caída. De resto, aqui não entra nada. Quantos anos tem a senhora?

A BARONESA — Eu?... tenho... não me recordo... devo ter... pouco mais ou menos...

O MORGADO — Há de ter os seus cinquenta, para cima, que não para baixo.

A BARONESA (*vexada.*) — Não tanto... não tanto, Sr. Morgado...

O MORGADO — Não? Pois olhe que está bastante avelhada, mas gordinha... Acho que não come à francesa... faz muito bem.

O BARÃO — Vamos a saber o que tem feito o Sr. Morgado?

O MORGADO — Eu lhe digo: o tal sujeito dos bigodes desafiou o João Leite, já sabia?

O BARÃO — Não sabia. Pois efetivamente houve duelo?

O MORGADO — E havia muita mostarda, se não fosse eu.

O BARÃO — Conte-nos isso.

O MORGADO — O tal espinafre do Soares...

D. LEOCÁDIA (*erguendo-se irada.*) — Senhor!

O BARÃO — Isso que é, Leocádia?

D. LEOCÁDIA — Acho indecoroso que estejam dando epítetos ridículos a um cavalheiro que já frequentou esta casa.

O BARÃO — Não lhe concedo reflexões. Retire-se desta sala.

A BARONESA — Modera-te, modera-te, Manuel Francisco. Senta-te, Leocádia, e escuta em silêncio; mas bom será que o Sr. Morgado não ofenda as pessoas de que fala. A civilidade é a mãe das intimidades agradáveis.

D. LEOCÁDIA — Se a mãe me concede licença, retiro-me.

O BARÃO — Agora há de ficar. Quero que assista ao ridículo das suas afeições, indignas de si e de mim.

O MORGADO — Leva rumor! Isto não vai a ralhar. A senhora disse agora que a civilidade era a mãe dos agrados.

A BARONESA — Das intimidades agradáveis... não corrompa.

O MORGADO — Pois eu corrompo?! Nunca corrompi ninguém. A senhora não sabe os meus costumes. Eu acho que o tal Soares é um *espinafre*. *Espinafre*, lá na minha terra, chamam-se uns valdevinos sem casa nem beira, que trazem as mãos no ar com bula do Papa, e que vêm a este mundo como vêm as ortigas e o arroz dos telhados, que não prestam pra nada. Ora aí está o que eu queria dizer na minha de *espinafre*.

O BARÃO — Disse muito bem... não dê satisfações; faz favor de continuar.

O MORGADO — Lá vou; mas aquela menina *incavacou* por eu dizer *espinafre*!

O BARÃO — Não faça caso, Morgado. Minha filha está passando por uma época de loucura, que hoje mesmo há de fazer crise... Queira dizer.

O MORGADO — Ela está a chorar; não digo mais nada.

D. LEOCÁDIA — É de indignação que eu choro! Não esperava que meu pai quisesse forçar-me ao ridículo desta cena.

AS TRÊS DAMAS (*levantando-se, e falando alternadamente:*)

1.^a — Não te aflijas.

2.^a — Não faças caso.

3.^a — Deixa falar.

1.^a — Que triste coisa!

2.^a — Sê forte.

3.^a — Não chores, priminha!

O MORGADO (*à parte.*) — Que ingresia!

A BARONESA — Vamos, meninas. Vem, Leocádia, tens razão.

CENA IV

O BARÃO E O MORGADO

O MORGADO — Tenho pena dela, coitada! Em quanto a mim, a moça tem paixão d'alma pelo tal troca-tintas! Deu-lhe pra ali a pancada...

O BARÃO — É uma cegueira; mas espero que hoje se lhe abram os olhos.

O MORGADO — Isso não é mau; e se não é segredo, diga lá como há de ser isso de lhe abrir os olhos.

O BARÃO — Conto com a sua discrição, Morgado, e não duvido dizer-lhe o que há, porque já sei quanto V. S.^a fez em obséquio ao meu nome, embaraçando que o desafio tivesse algum resultado funesto.

O MORGADO — Ah! então o senhor já sabia, e estava a fazer-se tolo...

O BARÃO — Sabia; mas queria que minha filha se envergonhasse de ser a heroína da história.

O MORGADO (*espantado.*) — De ser quê?! Faz favor de dizer outra vez essa palavra.

O BARÃO — A heroína da história que o Morgado ia contar.

O MORGADO — A heroína! Pois sua filha é heroína! Oh! isso é má coisa!

O BARÃO — Talvez que o Sr. Morgado não ligue à palavra a justa ideia. *Heroína* quer dizer, no nosso caso, *motivo* dos sucessos vergonhosos que se deram.

O MORGADO — Ah! Agora percebo. É porque meu mano frade, quando diz muito mal duma nossa parenta que tem muito maus costumes, chama-lhe *heroína*... *É uma heroína!* diz ele. Agora já sei o que quer dizer *heroína*; *verbim gracia*, se eu quiser dizer que não venho cá jantar por motivo de não estar bem do estômago, posso dizer: por heroína do estômago. O senhor ri-se? Ninguém nasce ensinado, meu amigo. Eu alguma coisa hei de vir aprender a Lisboa.

O BARÃO — Vinha eu dizendo que conheço e reconheço os favores que V. S.^a me fez, obstando ao desafio. Sei que o Morgado se apresentou no Campo Grande, à hora em que deviam bater-se Soares e João Leite. Sei que os quis quietar com boas razões, e que chegou a ameaçá-los...

O MORGADO — De dar tanto num como noutra pancada de criar bicho, isso é verdade; e se não se acomodam, os tais ferrunchos com que se queriam furar um ao outro haviam de ir em cata deles com as canas dos braços.

O BARÃO — Sei que depois o infame Soares, para convencer o auditório de que tinha direitos de preferência ao coração de Leocádia, apresentou um maço de cartas, e teve o despejo de ler uma em que minha perdida filha o autorizava a tirar-ma judicialmente. Sei mais que o Morgado lhe quis arrancar as cartas, o que decerto faria, se as testemunhas do duelo se não opusessem vigorosamente a isso...

O MORGADO — Estava eu para bater em todos; mas neste comenos chegou um rancho de mulheres, que vinham em passeio de burrinhos, e acabou-se a pendência.

O BARÃO — Tudo sei. Agora saiba o meu amigo que fui avisado de que vem hoje aqui o juiz buscar minha filha para depósito, a requerimento dela para casar com António Soares.

O MORGADO — Que me diz?! Quer o meu amigo que eu a leve para o Minho?

O BARÃO — Mil vezes grato ao seu novo obséquio; há remédio menos violento e mais salutar. O meu amigo verá como vêm a terra todos os castelos que o pobre visionário levantou na sua fantasia, e terá ocasião de ver como são as paixões destes peralvilhos, que veem as mulheres através da fortuna dos pais.

O MORGADO — Acho que é bem feito; mas se vir que a moça não tem juízo, eu vou levá-la a minha casa, e entrego-a ao mano frade, que é um santo varão. Lá há de ser tratada como uma princesa. Tenho a casa petrechada à moderna, e agora quando for hei de levar um piano e outros instrumentos, para quando eu casar, ter a mulher com que se entretenha.

O BARÃO — Pois tenciona casar brevemente, Morgado?!

O MORGADO — Não sei quando isso será; isto de mulheres é preciso escolhê-las com vagar, i-las estudando e examinando à medida que vão aparecendo. Não há remédio senão casar tarde ou cedo, porque não quero que o vínculo de meus avós passe para parentes. Tenho uma casa de lavoura, que rende quinze mil cruzados limpos e secos, e quero deixá-la ao meu sangue.

O BARÃO (*à parte.*) — Que ideia!

O MORGADO — Eu, não se me dava de casar, à proporção, com uma menina de boa gente, e que tivesse um palmo de cara simpático, porque, a falar a verdade, uma mulher bonita é coisa boa, Sr. Barão, e eu já li na novela de um grande matemático que o homem sem mulher é como o peixe fora d'água, e o meu mano frade é da mesma opinião.

O BARÃO — Assim o entendo também eu. A vida de casados é o único estado em que, neste mundo, se encontra a sólida e verdadeira felicidade. Anda muito acertadamente casando, meu amigo, e a senhora que o merecer há de ser forçosamente feliz. Oxalá que a fortuna me depare a minha filha marido tão digno como V. S.^a

O MORGADO — Isso são favores, Sr. Barão. A sua filha é criatura galante, e quando Deus me castigar, seja com ela assim. Mas, se quer que lhe diga, acho-a viva demais. Meu irmão frade diz que as mulheres *idiotas* não provam bem...

O BARÃO — Mas minha filha não é idiota.

O MORGADO — Quero dizer... *ideiota*, que tem lá umas ideias desarranjadas...

O BARÃO — Mas isso é uma grande injustiça que o Morgado faz a Leocádia. Minha filha é uma menina esmeradamente educada. Tem talento e leitura; mas os dons do espírito não prejudicam as boas qualidades do coração. Se a vaidade de pai me não engana, ousou profetizar ao homem que esposar a minha Leocádia uma vida venturosa.

O MORGADO — *Hum...* não me cheira, e há de perdoar. A sua filha tem pancada, e tem mau génio. Não a viu ainda agora assanhada como uma cobra?

O BARÃO — Mas não viu com que docilidade ela obedeceu e chorou arrependida do seu ímpeto de mau génio? Creia que minha filha tem uma boa alma, e os cuidados de esposa hão de torná-la branda, afetuosa, e boa para todos.

O MORGADO — Não acho isso muito bom para um marido, Sr. Barão. Se eu fosse o marido, queria que ela fosse boa só para mim. Eu cá penso assim.

CENA V

OS MESMOS E UM CRIADO

CRIADO — O Sr. Pessanha pergunta se V. Ex.^a pode falar-lhe.

O BARÃO — Que entre. Precisa anunciar-se?

CRIADO — Quer falar com V. Ex.^a particularmente, por isso me mandou saber se era ocasião de o receber.

O BARÃO — Condu-lo à sala do meio. (*O criado sai.*) Se V. S.^a me dá licença, vou falar a meu primo. Creio que será assunto de muito desgosto para mim. Demora-se V. S.^a alguns momentos? Eu vou mandar alguém com quem converse.

O MORGADO — Eu vou ver, à minha vontade, a memória do Terreiro do Paço, e volto depois.

O BARÃO — Irá na minha carruagem, que vou logo ao ministério da fazenda. Não o deixo sair. (*Toca a campainha.*)

O MORGADO — Então vá lá arranjar a sua vida.

O BARÃO (*Ao criado.*) — Diga às senhoras que venham fazer companhia ao Sr. morgado. Até já. (*Sai.*)

CENA VI

O MORGADO, SÓ

O MORGADO (*passeando.*) — Diz o meu mano frade que não há peito humano em que o deus Cupido não faça estragos, mais hoje ou mais amanhã. Desde que o barão me disse que eu podia ser marido da filha, começo a sentir cá no interior uma coisa assim a modo de formigueiro. Eu não topei ainda criatura que tanto me enchesse as medidas. É boa duma vez!

CENA VII

D. LEOCÁDIA AS TRÊS DAMAS, E O MORGADO

D. LEOCÁDIA (*entrando enfadada e irónica.*) — Aqui estamos para o intretermos, Sr. Morgado de Fafe.

O MORGADO — Então, está melhorzinha?

D. LEOCÁDIA — Estou boa.

O MORGADO — É o que se quer.

(Longo silêncio. As damas bocejam, cada uma por sua vez, e igualmente o morgado, fazendo uma cruz na boca.)

D. LEOCÁDIA — Então que nos conta, Sr. Morgado? Gosta de Lisboa?

O MORGADO — Gosto muito; basta ser a terra da menina.

1.^ª DAMA — Como sabe dizer coisas bonitas!

2.^ª DAMA — Já amou, Sr. Morgado?

O MORGADO — Se já amei?! A quem?

3.^ª DAMA — Se já se apaixonou?

O MORGADO — A menina porque diz isso? Conhece-me pelos olhos?

D. LEOCÁDIA — É desejo de saber se o seu coração está virgem.

O MORGADO — Já estive, mas agora não está.

2.^ª DAMA — Quer dizer que ama agora?

O MORGADO — Pode ser que sim. Ninguém está livre de pagar o tributo da mocidade.

1.^ª DAMA — Querem ver que se apaixonou em Lisboa!

D. LEOCÁDIA — Conte-nos isso.

3.^a DAMA — Está sentimental, não acham?

D. LEOCÁDIA — Há não sei quê de poética melancolia neste todo. Está na fase poética do amor. Eu adivinho que é uma das minhas primas a ditosa Julieta deste Romeu. Não é, Sr. Morgado?

O MORGADO — Não é o quê?

D. LEOCÁDIA — Não é uma das minhas primas a sua paixão?

O MORGADO — Qualquer delas é bem bonita, mas... como o outro que diz... são gostos.

D. LEOCÁDIA — É uma delas, aposto!

O MORGADO — Não atinou. Diz meu mano frade que onde está a lua cessam as estrelas.

3.^a DAMA (*rindo com as outras.*) — A lua és tu, Leocádia!

D. LEOCÁDIA — Eu sou a lua, Sr. Morgado?

O MORGADO — Não desfazendo em ninguém...

D. LEOCÁDIA (*rindo.*) — Por conseguinte, a ditosa sou eu?

O MORGADO — Isso veremos... O amor é cego, e há coisas que parece que vêm tiradas da baralha...

1.^a DAMA — Tens um condão fatal, prima!

2.^a DAMA — És uma *Labarrere*. Não há urso que te resista.

3.^a DAMA — Triunfos sobre triunfos! Faltava-te este, Leocádia!

D. LEOCÁDIA — Estou vaidosa de inspirar-lhe um sentimento novo. Diga-me, com que pude eu prendê-lo?

O MORGADO (*tomando-lhe a mão, que leva aos lábios.*) — Com esta mãozinha.

D. LEOCÁDIA (*retirando a mão. Levantam-se todos.*) — Ah! Poluiu-me!

CENA VIII

OS MESMOS, O BARÃO, E PESSANHA

PESSANHA — Minhas senhoras... Como passou, prima Leocádia? O Sr. Morgado... rijo e intrépido, como um português dos bons tempos, não é assim? Olhe que tem já em Lisboa reputação de rico e valente. Não lhe falta nada para se fazer querido das damas, e respeitado dos homens.

O MORGADO — Em quanto a rico, tenho com que viver; a respeito de valentia, sou homem para o meu homem, e para dois, sendo necessário.

PESSANHA (*irónico.*) — Estranho a seriedade com que se digna falar-me. Dar-se-á caso que eu incorra inocente no desgado de V. S.^ª? Não me condene, sem me ouvir.

O BARÃO — O Sr. morgado não pode ter motivo algum de queixa do primo Pessanha. Está triste, ao que parece; mas, em quanto a mim, são saudades da sua terra. Adivinhei?

O MORGADO — Não me sinto bom cá por dentro. Eu vou dar um passeio, e volto logo.

O BARÃO — Já sei o que precisa. Ó meninas, vão *lanchar* com o Sr. morgado, e Leocádia fica por alguns momentos connosco. Vá, Morgado. Tem excelente fiambre, apetitosas sardinhas de Nantes, excelente *Porto* e *Bordéus*. Vão, meninas.

O MORGADO — E a Sr.^a D. Leocádia não vem?

O BARÃO — Vai lá ter; preciso dela aqui.

O MORGADO (*afastando-se com o barão para um lado.*) — Com licença destes senhores, dê-me aqui uma palavra. Que há de novo?

O BARÃO — Logo falaremos, Morgado... Espero que tudo se consiga à medida dos meus desejos.

O MORGADO — A menina casa com aquele sujeito?

O BARÃO — Pude resolvê-lo a isso.

O MORGADO — O senhor faz uma asneira quadrada.

O BARÃO — Porquê?

O MORGADO (*querendo retirar-se, e o barão retendo-o.*) — Não lhe digo mais nada.

O BARÃO — Diga, não me deixe ficar perplexo.

O MORGADO — É o que lhe digo: faz uma asneira em casar sua filha com ele.

O BARÃO — Mas porquê? Explique-se se é meu amigo.

O MORGADO — Quanto vale a casa daquele janota?

O BARÃO — Poderá valer cem mil cruzados.

O MORGADO — Pois a minha casa vale perto de quatrocentos mil cruzados em propriedades; e eu daqui a oito dias, se Deus quiser, sou visconde de Fafe... Não lhe digo mais nada. (*Saindo.*) Vamos ao presunto, meninas.

(*O barão fica meditativo.*)

CENA IX

D. LEOCÁDIA, O BARÃO, E LUÍS PESSANHA

PESSANHA — Que lhe diria o alarve, que o deixou tão abstrato, primo Barão?

O BARÃO — Uma coisa singular... Pediu-me a mão de Leocádia.

(*Pessanha e Leocádia riem-se.*)

PESSANHA — E o primo pôde ouvi-lo sem responder-lhe com uma risada?!

O BARÃO — Eu não gosto de ofender ninguém...

PESSANHA — Mas o seu ar pensativo denota o embaraço de quem ouviu a proposta como coisa séria!...

O BARÃO — Séria... não direi... mas foi uma surpresa, e... tudo que é surpresa faz-me... faz-me uma certa confusão... Ó Leocádia, que te disse o morgado enquanto eu estive com teu primo?

D. LEOCÁDIA — Fez-me uma declaração muito tola.

PESSANHA — E a prima pôde ouvi-lo com a seriedade de seu pai?

D. LEOCÁDIA — Ouvi-o a rir-me, e senti que a cena fosse tão depressa interrompida.

PESSANHA — Primo, acorde desse letargo! Quer casar sua filha com o morgado de Fafe?

O BARÃO — Eu não disse tal...

D. LEOCÁDIA — Acho chiste a pergunta do primo Pessanha. Pelo que vejo, o casar eu com o morgado de Fafe é um ato em que a minha vontade não entra por coisa nenhuma...

PESSANHA — Como sei que é filha obediente...

D. LEOCÁDIA — Mas injuria meu pai, julgando-o capaz de me impor despoticamente um semelhante marido!... Nem falemos nisso, que me enoja.

PESSANHA — Prima Leocádia, tem reconhecido que eu a amo e prezo com todas as veras da minha alma?

D. LEOCÁDIA — Não duvido, primo Pessanha.

PESSANHA — Há uma hora estavam mortas as esperanças de identificá-la à minha existência; mas a fatalidade é inexorável. Não posso esquecê-la. Não posso culpá-la, senão para perdoar-lhe logo.

D. LEOCÁDIA — A indulgência é a primeira virtude das almas generosas. Fez um ato de caridade, perdooando-me.

PESSANHA — Não sei quando a prima é irónica ou ingénua.

O BARÃO — Não há ironia alguma. Leocádia, eu dei a teu primo a minha palavra de cavalheiro de que serás sua mulher. O teu coração confirma a palavra de honra de teu pai?

CENA X

OS MESMOS, O MORGADO E AS DUAS DAMAS

(As damas seguem o morgado, dando grandes risadas.)

O MORGADO *(indo direito ao barão.)* — São as moças mais patustucas que eu tenho visto! Têm o sangue na guelra o diacho das travessas! Tomaram-me à sua conta, e não me largam! E o caso é que eu gosto de todas, como se fossem minhas parentas. Hão de ir passar um verão a minha casa a Fafe, e mais o tio. Não convido a Sr.^a D. Leo-cádia, porque sei que vai tomar estado, e oxalá que seja feliz.

1.^a DAMA *(a Leocádia.)* — Não sabes quem está na sala do piano com a tua mamã? O João Leite.

O BARÃO — Pois ele está cá? Não sabia!

O MORGADO — Vem despedir-se... pobre rapaz!

O BARÃO — Despedir-se! Pois as cortes ainda há pouco se abriram, e ele retira já!?

O MORGADO — É verdade... O homem tem o coração ao pé da boca, e levou uma amoladela mestra! Ontem fui dar com ele a chorar como uma criança; e tinha uma tosse de esgana que o há de levar à sepultura no *vício* da mocidade. De há três dias para cá pesa menos arroba e meia. O amor, quando pega deveras, é pior que a própria morte!

CENA XI

OS MESMOS, A BARONESA, E JOÃO LEITE

O BARÃO — Seja bem aparecido, Sr. João Leite! (*A baronesa limpa as lágrimas. João Leite cumprimenta de um triste relance d'olhos.*) Que tristonho semblante é esse?

O MORGADO (*contemplando J. Leite.*) — Está na espinha!

LEITE — Venho cumprir três missões, e cumpro-as de luto. A primeira agradecer a hospitaleira intimidade com que fui acolhido por V. Ex.^a e sua estimável família. Segunda, pedir com lágrimas nos olhos que me seja perdoada a parte que me toca no desgosto que esta família recebeu. Finalmente, retirando-me para a minha província, venho pedir a V. Ex.^{as} que me honrem com a sua estima, e assim me convençam de que não fica sendo nesta casa lembrança de um amigo ausente, uma lembrança que desperta um desgosto.

A BARONESA — Pelo contrário, Sr. João Leite, o seu nome fica impresso em nossas almas; e eu sinto que os meus rogos não consigam mudar o propósito da partida.

O BARÃO — Que motivos, porém, o levam tão triste de Lisboa? Um homem tem obrigação natural e moral de ser superior aos infortúnios, e muito mais àqueles que o não são, vistos três meses depois. Seja forte, Sr. Leite. Vença as contrariedades, não lhes fugindo. Olhe que a desgraça foge muitas vezes à intrepidez de quem avança para ela.

O MORGADO — Apoiado! O meu mano frade também diz isso.

LEITE — Saber morrer é a suprema das coragens, Sr. Barão, e saber calar a dor sem responsabilizar alguém por ela, é a suprema das virtudes.

PESSANHA (*à parte.*) — É ridículo este galã de farsa!

D. LEOCÁDIA (*comovida.*) — É uma nobre e poética alma, Sr. Leite. Aperte a mão duma amiga, que lhe recebe o seu último adeus com a simpatia da admiração, e a saudade dos corações que aspiram a um mundo melhor que este.

O MORGADO (*limpando as lágrimas ao pé da baronesa que também chora.*) — Nós, os velhos, não servimos para isto, Sr.^a Baronesa. Somos dois corações sensíveis.

(*A Baronesa retira-se com um gesto desprezador.*)

LEITE — Vejo que inspiro sentimentos de piedade; mas não vim a solicitá-los. Poderia ser desprezível aos olhos dos outros; mas aos meus próprios... não o seria jamais. Eu não peço a ninguém admiração, nem simpatia, nem saudade, que não seja a da simples e sincera afeição que se deve a quem nos respeita e preza.

O MORGADO (*chorando.*) — Acabe lá com isso por quem é, homem! Eu nunca chorei tanto na minha vida.

O BARÃO — Todos sofremos...

A BARONESA — A consternação é geral!

LEITE — Não abusarei por isso da sensibilidade de pessoas que me são tão caras. Minhas senhoras, sejam felizes. Sr.^a Baronesa, Sr. Barão, Sr. Pessanha... (*Vai a sair.*)

O MORGADO — Espere aí que eu também vou... onde está o meu chapéu?

CENA XII

Os MESMOS E UM CRIADO

CRIADO — Está ali o Sr. juiz de direito e outro homem, que querem falar a V. Ex.^a

O BARÃO — Que entrem nesta sala. (*O criado sai.*) Meus amigos, demorem-se alguns instantes, para serem testemunhas dum espetáculo doloroso.

O MORGADO (*à parte.*) — Lá vai a rapariga com a breca!

O BARÃO — Vão lamentar um pai que cria uma filha com extremos de ternura, para no inverno da vida, ver essa filha protestar perante a lei contra a vontade santa do pai que quis salvá-la dum abismo.

A BARONESA — Leocádia, não te comoves?

O BARÃO — Estou desligado da minha palavra de honra, primo Pessanha, desde o momento em que essa filha amaldiçoada alienou os sentimentos de brio.

CENA XIII

Os MESMOS, O JUIZ E O ESCRIVÃO

O JUIZ — Qual de V. Ex.^{as} é o Sr. Barão de Cassurrães?

O BARÃO — Sou eu, senhor.

O JUIZ (*examinando o requerimento.*) — E a Ex.^{ma} Sr.^a D. Leocádia Ernestina de Magalhães?

(*Silêncio de instantes.*)

O MORGADO — É aquela que está acolá.

JUIZ (*ao escrivão.*) — Leia o requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo.*) — «Diz D. Leocádia Ernestina de Magalhães, filha de...»

O BARÃO — Não diga o resto, sei o conteúdo, ela sabe-o também.

JUIZ (*a Leocádia.*) — Persiste na ideia de ser depositada judicialmente, para do depósito haver dispensa de consentimento paternal para o fim de contrair matrimónio com o Sr. (*lendo o requerimento*) António Soares de Carvalho?

D. LEOCÁDIA — Sim, senhor.

O BARÃO — Sr. Juiz, eu dou à requerente consentimento para se casar com quem quiser.

JUIZ — Em tal caso cessa desde já a interferência da lei neste negócio.

O BARÃO — Quando o Sr. António Soares procurar o resultado da diligência, pode V. S.^a dizer-lhe que venha quando queira buscar a que há de ser sua mulher.

ESCRIVÃO — O Sr. Soares estava agora na loja fronteira do palácio de V. Ex.^a.

O BARÃO — Sim, tanto melhor. (*Toca a campainha.*)

O MORGADO (*ao ouvido do barão.*) — Eu vou lá arrancar-lhe as orelhas...

O BARÃO — Tenha prudência. (*Ao criado.*) Na loja fronteira está o Sr. António Soares, vá dizer-lhe que é aqui esperado.

JUIZ — Eu congratulo-me pelo tão feliz como inesperado desfecho deste caso, cujas consequências são sempre desagradáveis. A moralidade pública e a felicidade doméstica lucram sempre com resoluções desta espécie.

O MORGADO — O Sr. Juiz, ainda que eu seja confiado, faz favor de me dizer se um homem que não tem modo de vida, pode meter a justiça pela porta dentro dum pai, e tirar-lhe a filha, para depois fazerem ambos cruces na boca?

JUIZ — Dada tal hipótese, ao pai incumbe estorvar o casamento com razões que devem fazer peso na balança da justiça.

CENA XIV

Os MESMOS E ANTÓNIO SOARES

O BARÃO — Entre sem acanhamento nem vergonha, Sr. Soares.

O MORGADO — Isso faz ele...

O BARÃO — Leocádia Ernestina de Magalhães requer dispensa de consentimento paterno para casar com António Soares de Carvalho. É um requerimento ocioso. Dá-se amplo consentimento. Saibam, porém, os noivos que não têm a haver desta casa um ceitel. Os meus haveres hei de realizá-los em moeda dentro de quarenta e oito horas, e depois irei com minha mulher para o estrangeiro, onde me não chegue a notícia do arrependimento de dois desgraçados. Casem-se, embora, mas não apelem para a minha compaixão, quando a penúria lhes bater à porta. A miséria

há de castigá-los, mas eu quero, e hei de ignorá-la, porque me não deleito na vingança. Disse. (*Senta-se.*)

(*Silêncio longo.*)

A BARONESA — Leocádia, minha infeliz filha, teu pai quer salvar-te... Ainda é tempo...

O BARÃO — Sr. Soares! A sua paixão por minha filha não lhe inspira uma resolução nobre e admirável na desgraça? Aceite Leocádia pobre. Ingrandeça pela indigência o seu amor.

O MORGADO — Bem se fia ele nisso!

JUIZ — Aqui já se não trata do coração... trata-se... trata-se...

O MORGADO — Da barriga.

JUIZ (*rindo com o escrivão.*) — Disse bem; é isso em português castiço.

O MORGADO — Mas V. S.^a talvez não saiba que aquele senhor é poeta... e...

JUIZ — Já sei; mas também é verdade que a mais nobre e santa expressão da poesia, a condolência dos males alheios, e o remediá-los à custa mesmo de sacrifícios próprios, é realizar a mais augusta poesia do evangelho.

O MORGADO — O homem parece um missionário!

JUIZ — E, portanto, Sr. Soares, se me permite que eu seja o intérprete dos seus generosos sentimentos, asseguro ao Sr. Barão

de Cassurrães que por parte de V. S.^a há desistência deste mal agourado consórcio.

SOARES — Eu seria capaz de mendigar por portas para sustentar minha mulher, mas não a julgo bastante forte para sustentar o infortúnio.

D. LEOCÁDIA — Isso é uma injustiça que faz à minha coragem. Eu aceitaria contente a pobreza de meu esposo; mas não posso consentir que ele seja desgraçado por minha causa.

SOARES — Aceito a desgraça como um heroísmo do amor; mas não posso arrastar na minha queda a mulher que eu queria erguer sobre um trono.

D. LEOCÁDIA — Desprezo as pompas do mundo e a vã ostentação dos espíritos fracos: ser-me-ia porém eternamente angustioso ver privado por minha causa desses bens o homem que hei de amar até ao último suspiro.

O MORGADO (*à parte.*) — Estão bonitos. (*Levantam-se todos.*)

JUIZ — Das amantíssimas expressões que se trocaram, inferimos todos que ambos se amam extremamente, mas que nenhum dos dois aceita a responsabilidade de fazer desgraçado o outro. São duas inocentes almas que nunca tinham pensado nisto. O raio da razão veio muito a tempo felizmente. Congratulo-me de novo com os Ex.^{mos} pais da Sr.^a D. Leocádia, dou por cumprida a minha missão de juiz, e, despedindo-me, peço licença para dizer, também a minha missão d'amigo. O Sr. Soares tem na minha sege um lugar à sua disposição. Meus senhores...

O BARÃO — Os donos desta casa oferecem-se ao amigo que lhe foi deparado por um desgosto. Há males que trazem bens, Sr. Juiz... (*O juiz corteja e sai com o escrivão e Soares.*)

CENA XV

LUÍS PESSANHA, BARÃO, BARONESA, JOÃO LEITE, MORGADO,
D. LEOCÁDIA E AS TRÊS DAMAS

PESSANHA (*tomando o chapéu.*) — Duas palavras somente, primo Barão. Desquito-o da sua palavra de honra. Retiro-me vexado de lha ter pedido como fiança daquela senhora. Quando sua filha tiver um marido que a distanceie daqui, continuarei a ser o amigo frequentador desta casa.

(*O morgado à esquerda observando.*)

O BARÃO — Primo Pessanha, o facto de minha filha ter desmerecido no seu conceito não deve afugentá-lo desta casa. Ouso até dizer-lhe que a honra de minha casa não sai dela com V. Ex.^a Para minha filha há de haver sempre um marido que possa estender a mão a V. Ex.^a.

PESSANHA — Eu é que não sei se poderei aceitar-lha. Para uma mulher há diferentes degradações na escala humana.

D. LEOCÁDIA — Há uma terrível... podia havê-la para mim... Dessa estou eu salva, porque nunca serei sua, Sr. Pessanha.

PESSANHA (*irónico.*) — Conta com os seus adoradores, minha senhora? Tem dois na sua presença; um pediu-a a seu pai; e o outro confessou na presença de todos nós uma paixão que o há de matar. Escolha. (*Arreda-se para a esquerda.*)

D. LEOCÁDIA — Eu não escolho; rejeito-os a todos.

LEITE (*avança.*) — Era escusado escolher, minha senhora. Em minha alma há uma parte ferida de morte; mas há uma outra, a da honra invulnerável. Não vim pedi-la para minha mulher; vim despedir-me. Cumpri, e se ainda aqui estou, foi porque o Sr. Barão pediu o meu testemunho num espetáculo de que levo uma impressão que me há de curar.

O BARÃO — Teve uma ridícula ideia, Sr. Leite, rejeitando minha filha que ninguém lhe ofereceu. Saibam o Sr. Pessanha e o Sr. Leite que a mão de Leocádia pertence ao meu prezado e honrado amigo, o Sr. Morgado de Fafe.

O MORGADO — Eu vou-me embora também, Sr. Barão. Estes dois senhores deram as suas razões, eu dou as mesmas razões, e mais uma, e é que não quero casar, por quatro razões; — primeira, porque meu irmão frade diz: «Antes que cases, olha o que fazes»; segunda porque...

O BARÃO — Basta. Saíam todos de minha casa...

O MORGADO — A segunda porque acho que está no seu direito.

O BARÃO — Torno-lhe a dizer, senhor, que...

O MORGADO — A terceira... porque... está no seu direito, e como não quer ouvir, sem mais...

O BARÃO — É demais. Já, já fora.

(Saem todos.)

A BARONESA *(caindo desfalecida numa cadeira, as damas a rodeiam.)* — Oh! meu Deus, um insulto destes!... Na minha idade...

O MORGADO *(tornando a entrar.)* — Oh! O meu chapéu; queiram perdoar, porque me tinha esquecido o chapéu. *(Pega no chapéu, faz uma reverência e sai a um sinal do barão. Cai o pano.)*

FIM

Um grande divertimento. Este morgado de Fafe rivaliza com o mais famoso Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda de *A queda dum anjo*, além disso capaz de resgatar do esquecimento o teatro de Camilo, exaltando o de comédia.

Abel Barros Baptista

edição crítica
CAMILO
CASTELO
BRANCO